VIA CRUCIS SERTANEJA: REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS FEMININOS EM SEARA VERMELHA

Thaílla da Silva Sena¹; Valter Guimarães Soares²

1. Bolsista PEVIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: thaillassen@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: vgsoares@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: literatura; sertão; feminino, Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1930 o sertão emerge como tema e problema, tanto no campo da ciência, da poesia, como também em romances brasileiros. Dentre este conjunto de romances destaca-se *Seara Vermelha*, do escritor Jorge Amado, publicada no ano de 1946. A narrativa toma como cenário o sertão, a saga dos beatos, cangaceiros, retirantes expulsos das terras do latifúndio em direção a São Paulo. O livro traz uma novidade geográfica, posto que encena outra cartografia da Bahia na obra amadiana, na medida em que ali não recria a vida baiana nas ruas, becos e ladeiras de Salvador ou das cidades do Recôncavo, nem é ambientado em terras grapiúnas ou nas matas do cacau.

O romance é dividido em quatro partes. O prólogo, intitulado “A Seara”, em que Amado nos apresenta o tema central de seu livro: o latifúndio, e também os personagens e conflitos que serão desenvolvidos ao longo do romance, em particular, a família de Jucundina e Jerônimo, que é expulsa da terra e peregrina pelos *Caminhos da Fome*, livro primeiro, subdividido em *A caatinga*; *O rio* e *O trem de ferro*, onde dramatiza a diáspora de massas populacionais sertanejas em direção às terras paulistas.

Caminhos que desembocam nas “*Estradas da esperança*”, livro segundo, encabeçado pelos três filhos do casal, que fugiram de casa antes do êxodo: José (que se junta ao bando de Lucas Arvoredo), Jão (que se torna soldado da polícia militar e é designado para combater beato Estevão e seus seguidores), e Juvêncio, ou Nenén (que entra no exército como soldado, engaja-se na vida política, vira comunista e participa da Intentona de 1935). São, portanto, partes que se ocupam do cangaço, do messianismo e dos embates políticos do Partido Comunista e da Aliança Nacional Libertadora. O livro se encerra com *A colheita*, que, como indicia a metáfora, se volta para a reorganização do Partido Comunista.

Nos trabalhos sobre *Seara Vermelha* é recorrente a abordagem sobre a intenção política do romance. No plano de trabalho que vem sendo desenvolvido colocamos em questão não apenas a intenção política do romance, mas propomos, sobretudo, investigar a representação amadiana de sertão e do sertanejo, inventariando as circunstâncias históricas que condicionam a narrativa. É, pois, sobre a representação dos sujeitos sertanejos que pretendemos colocar em questão neste trabalho. Mais especificamente, investigar a representação dos corpos femininos, suas afetividades e desejos no romance *Seara Vermelha*, indagando como, no obra, representações sobre a paisagem-sertão constroem visões sobre os corpos femininos lidos enquanto sertanejos.

A importância do recorte de gênero no trabalho se dá, especialmente, por questionar a ideia de um “sujeito humano universal”, e o androcentrismo na ciência. A proposta se

justifica pela quase inexistência de trabalhos sobre a temática proposta e diferenciar-se da maioria das análises sobre a obra de Jorge Amado, que priorizam os romances ambientados na cidade da Bahia ou a saga do cacau. Nesse sentido, o trabalho pode contribuir para a ampliação do conhecimento científico acerca da construção das representações sobre o corpo na obra amadiana, como também, para colocar em discussão o papel das narrativas literárias na elaboração de imagens e estereótipos sobre o corpo da mulher sertaneja.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O material tomado para realização da pesquisa é o próprio romance *Seara Vermelha*. Nesse sentido, o romance será tratado, a um só tempo, como fonte e objeto de análise. Ao tomar o discurso literário como material de análise recorro à noção de representação como elemento conceitual que permite articular o entrecruzamento entre o literário e o histórico (PESAVENTO, 1998: 19). Na trilha aberta pelas novas abordagens dos estudos da cultura, considero literatura e história como representações, como versões da realidade, formas de re-criação da realidade, construtoras de sentido e sistemas de significação. Mesmo compreendendo as diferenças que guardam entre si, suas especificidades a partir de diferentes métodos e procedimentos.

Para CHARTIER (2002), as representações expressam relações de força em uma dada estrutura social, remetendo para os diferentes modos como os sujeitos sociais percebem a si mesmos, a sua época e o mundo em que vivem, construindo a partir dessas percepções sistemas de identidade, de crença e de conhecimento. As representações do mundo social variam sócio-historicamente, sendo, por tanto, imprescindível a articulação entre texto-contexto, de modo a compreender como a época escreve e se inscreve na narrativa. Nesse sentido, estudo os processos pelo quais se constrói um sentido para o corpo da mulher sertaneja, buscando compreender como, nos discursos analisados, a figura da mulher sertaneja é *construída, pensada, dada a ler* (CHARTIER, 2002: 17).

O corpo ocupa uma posição estratégica na constituição do feminino. Tanto o sexo quanto a idade são noções que remetem a naturalização do corpo, e uma forma de combater essa naturalização é perguntar-se pelos mecanismos sociais que levam a interpretação desses fatores como dados naturais (ALVES, 2004: 357).

De forma abreviada e provisória, o percurso metodológico previsto constitui-se basicamente de a) levantamento e leitura de bibliografia: 1) teórica, com vistas a melhor explicitação do referencial teórico da pesquisa; 2) sobre Jorge Amado, destacando sua posição como militante comunista: memórias, biografias; 3) análises e interpretações do romance; b) revisar a literatura que tematiza o sertão d) análise textual da obra tomada como objeto de pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Jorge Amado toma o sertão e o sertanejo como alegoria para denunciar e interpretar a exploração, as misérias e injustiças da realidade brasileira e do sertão-nordestino em particular. Mas ao fazê-lo, reelabora um repertório do já-dito-sertão, a partir dos signos da seca, suas mazelas e seus tipos sociais (cangaceiros, retirantes, beatos, camponeses), colocando-os a partir de outra perspectiva - revolucionária. Paisagem ambientada sob o

signo do agreste e do inóspito, lugar do seco, do espinho, do veneno, dos animais primitivos e rastejantes; do flagelo e do flagelado; de vidas secas e gordos latifúndios. Imagens que se configuraram como paisagem sertaneja. Paisagem que se tornará cristalizada e fixada como regra de ver e dizer esta região sob a pena de não legitimidade, do não reconhecimento (Albuquerque Jr., 2008:210-12).

A elaboração da paisagem-sertão e dos sujeitos que a compõem é feita de modo imbricado. Seco é o ambiente, secas são as pessoas. Corpos magros, de poucas palavras e quase inexistentes gestos de afetos. São traços que compõem alguns dos tipos sociais no romance – retirantes, cangaceiros. Com exceção do beato, cujo instrumento de luta é a fala denunciatória dos fins dos tempos. Alguns elementos são constitutivos desses personagens, a força, a resistência. Os camponeses que peregrinam pelos caminhos da fome são elevados à condição de heróis ao desbravarem esses caminhos: “Marta e Vicente, os outros todos também, vindos de onde não havia água, onde a terra era seca e agreste, onde só os animas mais bravos resistiam, e o homem, que era mais bravio de todos” (AMADO, 1986:119).

Os corpos femininos do romance serão construídos a partir desses mesmos elementos, entretanto, restrito ao ambiente familiar e privado. Ao elaborar imagens e personagens míticas do sertão, tais como os cangaceiros, beatos e retirantes, Jorge Amado se apropria de formulações de que seria o sertanejo (masculino), personagem cristalizado enquanto viril, forte e resistente, para compor este lugar-sertão. Num movimento dialético, o autor também (re)elabora formulações sobre o outro desta faceta, o feminino sertanejo.

As formulações amadianas sobre o feminino sertanejo oscilam entre as imagens mulher forte/mulher-macho; moça ingênua e altruísta, mulheres de família, como também figuras femininas astutas. Duas personagens são centrais para a composição do feminino no romance, a saber, Jucundina, matrona da família de retirantes, e Marta, sua filha. A partir deste momento nos deteremos em uma leitura sobre algumas figuras femininas e masculinas do romance. Em primeiro lugar, Jucundina que é a matriarca da família. Ela é a personagem que não está tecendo o enredo político-econômico do romance na dicotomia entre os que oprimem ou daqueles que reagem à opressão (beatos e cangaceiros). Ela sofre as consequências dessas tomadas políticas, tal como peregrinar até São Paulo por razão da expulsão.

Ela é apresentada como alicerce da família, ela quem nutre a esperança de reencontrar os filhos que migram antes da expulsão. Ela também se alia a um estereótipo de sertanejo viril, forte e bravio. Ela que vai resguardar a comida que a família tem e negar se juntar a outra família que peregrina há mais tempo que eles, o que significa dizer que estão em uma situação mais escassa em relação aos alimentos. Jucundina procura tardar a fome para os seus, imagem que se liga a figura da fera materna que protege suas crias. Em segundo lugar, sua filha Marta, que durante todo trajeto da família se mostra solícita em ajudar qualquer dos parentes a superar os infortúnios. Marta chega mesmo a renunciar seu sonho de se encontrar com Vicente em São Paulo –moço pelo qual se apaixona enquanto admira o rio e suas embarcações na cidade de Juazeiro- em prol da família. Marta acaba por se deixar desvirginar pelo médico da cidade de Pirapora, responsável por emitir o laudo médico que autoriza o consentimento da passagem de trem de Pirapora a São Paulo, custeada pelo estado paulista, sacrifício este realizado na

intenção de que seu pai consiga o laudo falsificado, uma vez que se encontra tuberculoso. O resultado é a expulsão de Marta da família pelo pai, convertendo-se em prostituta para que o pai possa seguir viagem até São Paulo.

Os signos que rondam Marta são aqueles da inocência, altruísmo e resignação a seu destino de sofrimento, quase como uma santa, mesmo que uma santa-prostituta. No entanto, o preço que a personagem Marta paga é o que uma morte simbólica na narrativa, sua presença corporal não mais retorna. Apenas em recordações da infância por seu sobrinho Tonho e pelos delírios de seu pai Juvêncio no leito de morte.

Ambas, Jucundina e Marta figuram-se em personagens fundamentais para que o enredo do romance gire, elas fazem parte da construção do sentido político do romance. Entretanto, nos deteremos em analisar a representação dos corpos dessas duas personagens.

Uma imagem pode ser elencada como constitutiva dos corpos dessas personagens: uma árvore. Uma árvore robusta que seca com o tempo. Jucundina e Marta, mãe e filha, são apresentadas no romance como personagens que compartilham corpos similares distantes pelo tempo. Marta que é objeto de desejo de personagens masculinos por onde passa. A sertaneja jovem se aproxima de uma árvore frondosa, desejável. A descrição do corpo de Marta destaca os contornos, as curvas, mesmo magras e mau-alimentada. Marta é, de certa forma, uma árvore robusta, e desejável.

Jucundina tem seu corpo descrito como magro, mais próximo do signo da seca. Já se encontra ressequida, não é objeto de desejo, mas de respeito. É a base familiar. Um corpo seco, castigado pelo sol, pelo sofrimento. Uma árvore seca, mas de raízes profundas, é a base da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir da análise documental percebemos que a composição das personagens do romance é feita a partir dos signos que compõem a paisagem: o agreste, a seca, o inóspito. Para sobreviver neste ambiente, os sujeitos precisam ser resistentes, bravios, viris, atributos lidos enquanto masculinos. As personagens femininas são encenadas mais pelo signo da resistência do que da masculinidade/virilidade. A representação dos corpos femininos sertanejos-amadianos é atravessada pela temporalidade: possivelmente frondosas e desejáveis enquanto jovens, entretanto, são corpos que vão secando ao sol causticante e as agruras da vida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval M. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidades regionais. Recife, Bagaço, 2008.
- ALVES, Andréa M. "Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor". In: *CadernoCRH*. Salvador, v.17, n.42, Set/Dez. 2004. Pp. 357-364.
- AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*, romance; ilustrações de Carlo Scliar. 45ª Ed. Rio de Janeiro, Record, 1986.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques;

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*.
Campinas: EDUNICAMP, 1998, p. 17-40.